

Esculturas

De Aníbal Ferreira



AQUIL
—D'EL— AR
—TE

Artista: Aníbal Ferreira

Título da Exposição: Esculturas de Aníbal Ferreira. Escultura

De 22 de Fevereiro a 21 de Abril de 2025

Comissariado:

Ana Cravo

António Sérgio Silva

Carlos Filipe

Textos de Apresentação:

Carlos Filipe, *Nota de abertura*

António Sérgio Silva, *Uma Escultura filha da Natureza*

Ana F. Cravo, *Uma abstracção que acalenta*

Direcção Artística:

Ana Cravo

António Sérgio Silva

Direcção de Produção: João Pires Lopes (CECHAP)

Design Gráfico: CECHAP

Fotografias: Ana Cravo

Comunicação: Olga Nikolova

Apoio: Câmara Municipal de Vila Viçosa

Parceiro: Instituto Politécnico de Portalegre

ISBN: 978-989-36007-1-9

Número 11 (versão aumentada)

Rede Portuguesa de Arte Contemporânea

© 2025 Galeria Aqui D'El Arte, CECHAP

Aníbal Ferreira

ESCULTURAS DE ANÍBAL FERREIRA

Escultura



NOTA DE ABERTURA

Carlos Filipe

A Galeria Aqui d'el Arte inicia o ano (Jubilar) de 2025, com uma exposição dedicada à arte de talhar a pedra, com o título *Esculturas de Aníbal Ferreira*, composta por um grupo de esculturas de menor escala, adaptadas ao espaço da sala de exposições da Galeria, e trabalhadas nos últimos anos, sendo que grande parte delas foram talhadas já este ano de 2025.

O seu autor é um amigo de longa data, conhecido pela sua persistente preocupação, que o Alentejo e a nossa região, pouco ou nada tem feito para fomentar o ensino da arte da escultura às novas gerações. Tem sido entre nós um longo debate em torno da questão do ensino, da importância que o recurso mármore tem enquanto elemento cultural e artístico, até ao compromisso de tudo fazermos para influenciar os decisores políticos e administrativos a terem um olhar sobre a

importância de educar os jovens através das artes. Mas esse diálogo não terminou, e pela parte que nos diz respeito, não desistiremos de um dia poder contar com um espaço de formação e transformação artística.

O percurso artístico de Aníbal Ferreira tem sido alcançado, solitariamente, num esforço imenso, partilhando lugares de destaque com outros recatados no meio da natureza, distanciado dos holofotes mediáticos, desenvolvendo a sua obra artística de dimensão internacional difícil de avaliar, do ponto de vista da sua enorme abrangência, mas reconhecida entre os seus pares e os colecionadores de escultura.

A presente exposição é fruto de uma relação de diálogo e estima, alimentada pela colaboração que temos a cimentar com o artista Aníbal Ferreira nos últimos tempos. A Galeria Aqui d'el Arte tem o privilégio de acolher uma exposição

de Arte Contemporânea, há muito desejada, de rara beleza, pelas suas peças escultóricas, que o escultor Aníbal Ferreira quis dar o privilégio de conhecer, ao público em geral.

Os nossos agradecimentos aos diretores da Galeria e à equipa de profissionais do CECHAP, que tudo fizeram para que esta exposição fosse possível.

A missão da Galeria é da CECHAP é promover a mediação entre as artes, os artistas e suas obras e o público, como forma de promover a nossa Cultura e o nosso Património.

Ao estimado amigo e companheiro de lutas, Aníbal Ferreira, um agradecimento especial pela disponibilidade e confiança depositada, certos que outros projetos no futuro se concretizarão.

Vila Viçosa, 22 de fevereiro de 2025



1. UMA ESCULTURA FILHA DA NATUREZA

António Sérgio Silva

Em exposição Esculturas de Aníbal Ferreira, agora inaugurada no espaço do CECHAP, Galeria Aqui D'El Arte, é um acontecimento público pouco vulgar pela sua raridade, uma vez que o artista abandonou a prática expositiva recorrente das suas peças, em galerias, já em 2008, precisamente com a sua participação no Simpósio Internacional de Escultura, em Vila Viçosa, e uma exposição individual na Alemanha. Foi o final de um ciclo, iniciado em 1984, em Sion, na Suíça, e que se expandiu, desde logo, por Genebra e Lisboa. Começou, então, um percurso artístico que se estendeu por mais de quarenta anos, e que resultou em várias exposições individuais e coletivas e na obtenção de alguns prémios internacionais.

Aníbal Ferreira (Sernancelhe-1964) começou cedo o seu percurso artístico como escultor autodidata. Já em 1984, com vinte anos, expõe

os seus primeiros trabalhos amadurecidos em Sion, na Suíça, passando, depois, por Genebra e Lisboa, como já dissemos. Enquanto jovem, colabora nas oficinas de vários artistas internacionais, principalmente entre os helvéticos, e em Itália. Desses contactos e de outras experiências, faz a sua aprendizagem. Entre Carrara e Vila Viçosa percorre outros centros especializados nas artes da pedra. Assim, estabelece contratos felizes com a natureza que vai conhecendo, e de onde retira a pedra escolhida, mármore e granitos, no coração da Itália e no Alentejo central. Tem, também, contratos importantes com industriais, galeristas e outros escultores que lhe permitem viver daquilo que faz e em que acredita.

Aníbal Ferreira fica perto do abismo da pedreira de onde vem a pedra especial, escolhida com cuidados que lembram a estima dos melhores

amantes. Trabalha, assim, corpos de pedra que quer aperfeiçoar a cada toque, a cada movimento do seu exercício criador. Por ter nascido em Sernancelhe, na Beira Alta do minério, o ambiente da pedreira nunca lhe foi estranho. Talvez daí a expressividade natural das suas intervenções e dos seus resultados artísticos. Linhas e volumes que cria com intensidade. Dando vitalidade e dinamismo a cada peça, impregnada de uma ideia que o inspira e que implementa nas formas escultóricas. Usando sempre um processo de talha direta sobre os materiais escolhidos, preferencialmente o mármore e os granitos, explora os espaços externos e internos das suas peças, arriscando linhas e planos pouco habituais e muito trabalhosos. Na verdade, Aníbal Ferreira encarna, com naturalidade, um dom consolidado através de uma disciplina

rigorosa e prolongada, que arrisca novas soluções bem sustentadas em experiências anteriores.

Fiel a uma arte antiga, Aníbal Ferreira, através da sua obra, ganha para um certo modernismo uma tradição que respeita muito, resultando, no seu trabalho, uma espécie de conformismo consciente que não se acomoda, nem se rende às soluções e linguagem da moda. A escolha dos materiais, a técnica usada e a assunção de trabalho solitário, francamente físico e exigente, são marcas desta atitude.

O seu tempo artístico não se apressa, porque faz por acompanhar o tempo natural que construiu a matéria-prima de que se serve para a sua obra. Podemos dizer que Aníbal Ferreira celebra a vida: a sua escultura e a sua assinatura valorizam a matéria morta, a pedra que só o acidente transforma, mas o escultor

acompanha também as transformações da matéria viva e respeita essa história natural, os seus ciclos e a sua dinâmica, consolidada e configurada em pedra bruta.

Se Marguerite Yourcenar considerou o tempo como escultor, numa das suas obras literárias, nós, quando visitámos Aníbal Ferreira, na preparação desta exposição, no seu espaço alentejano, em Terena, onde trabalha e vive parte do ano, (a outra metade é vivida em Carrara, na Itália), percebemos como é possível combinar o tempo natural e as suas manifestações que a vivência humana dos ritmos circadianos lhe dá, na gestão bem-sucedida da profissão de artista-escultor. No Monte Outeiro, muros e casas de xisto, construídos pelo artista, compõem a atmosfera do lugar onde Aníbal Ferreira trabalha diariamente. Nele se destaca uma homenagem

à mulher, reprodução de um seio, em grande escala, feito de argila ferrosa acamada, que o artista retira da sua propriedade e que vem tratando com as próprias mãos, já há mais de uma década. São frutos do exercício de um corpo que se movimenta na paisagem, entre arbustos, árvores, charcos e pedras, ao ritmo das mudanças entre as estações do ano, as fases do dia, e as matérias e recursos necessários que o lugar disponibiliza. Há aqui uma história natural que se cruza com uma história humana, num ponto em que o escultor adapta as dimensões naturais, desmesuradas à escala humana e cultural, que se impõem ao indivíduo, à escala individual, representada pela sua presença e obra. Por todo o lado, o lugar que Aníbal Ferreira habita é um arquivo a céu aberto, ou protegido num reduto qualquer, que revela o seu trabalho de anos. Esculturas de

várias dimensões, das maiores às mais reduzidas, cercam-nos. Um destino de escultor cumpre-se, aqui, no Monte Outeiro, e em Carrara, como percurso de vida orientado por um princípio que outro escultor, Rui Chafes, reconheceu: «que outra coisa se pode fazer neste mundo a não ser construir? Dizem-me. Construir como quem tenta dar um sentido à sua efémera passagem.» (Chafes: 2000, p. 11) Na nossa opinião, no espaço alentejano, de Aníbal Ferreira, confrontamo-nos com um acervo escultório próprio, povoando um espaço natural regulado pela sensibilidade do artista, relevante quer no contexto nacional, quer internacional, com possível aproximação à obra do escultor inglês, contemporâneo, Andy Goldsworthy (Cheshire, 1956), também sensível a um trabalho artístico fundamentado na duração que Reidelsheimer documenta em Rivers and

Tides. Andy Goldsworthy: Working With Time. (Reidelsheimer: 1991)

O escultor dedica-se agora a trabalhos de pequenas dimensões que não deixam de exigir tempo e rigor, e que permitem revisitar técnicas que só tinham sido experimentadas em corpos escultóricos maiores, mas que, a saber, acrescentarão novas sensações e percepções que esta exposição abre à descoberta. A exposição Esculturas de Aníbal Ferreira, composta por algumas destas peças de pequena escala, é peculiar, ainda, no modo como interpela o que tem sido o percurso artístico deste escultor da pedra. A pequena dimensão da obra reduz também o espaço de observação, aproximando as duas presenças, a do autor e a do público, reforçando a possibilidade de uma experiência sensorial,

háptica¹. A escala natural e a presença das peças em espaços da natureza confrontam-se, na experiência de Aníbal Ferreira, com a pequena escala desta sala de exposições, que surge como mediadora e garantia de existência de uma escultura de pequena escala, reservada, como se partilhasse um segredo.

Se encontrámos no território natural onde vive e trabalha Aníbal Ferreira a dimensão daquilo que se fecunda e que apodrece, que vive e se dá como alimento, que, informe, ao longo do tempo natural se converte em pedra e ganha consistência e forma, existe também a acumulação desses restos que resistem aos acidentes naturais mas que deles dependem, que são placas de xisto, rochas metamórficas,

materiais que o artista arranca do húmus e recupera em estruturas que habita e que o protegem, enquanto casa ou oficina, e em formas com que expressa a sua arte.

Borba, 09 de fevereiro de 2025

¹ O termo háptico segundo Deleuze: «visto que este termo não opõe dois órgãos dos sentidos, mas deixa supor que o olho pode ter ele próprio esta esta função que não é óptica». (Deleuze; Guattari: 2007, p. 626).



2. UMA ABSTRACÇÃO QUE ACALENTA

Ana Cravo

O conjunto de obras, em mármore e granito, que o Escultor Aníbal Ferreira nos apresenta é criado através do processo clássico de esculpir em pedra, em que a forma nasce do talhe de uma magma única a que é retirado o excedente da matéria, e que se caracteriza pela composição em torno da abstracção da forma. Nesta colecção de dimensões pequenas, enfatiza a relação háptica, a plasticidade levada ao limbo do que é variação e consecução técnica dada ao detalhe, sem perda da unidade da forma e na sua essencial simplicidade.

A harmonia dinâmica que vibra deste conjunto escultórico é trabalhada, com mestria e intuição acerca da proporção e do ritmo visual dado pelo cheio e o vazio, pela relação que enforma diferentes facetamentos modulares nos dois corpos talhados na pedra, em simultâneo com o escavar profundo e a abertura de vazios na

forma. O processo de composição deste conjunto de esculturas é coercivo a um olhar poético em que a objectualidade e o ornamental se apagam para dar lugar a essa atenção que a obra de arte desenvolve no espaço e no tempo, e como ela implementa a dimensão do estético. Há, portanto, uma unidade de composição da “forma pela forma” que implica o desenvolvimento de harmonias modulares que se organizam em simetria estrutural, pelo sublinhar da combinação volumétrica aparentada ao paralelepípedo, ao esférico-oblongo. No entanto, se a vernacularidade do “s / título” é singularmente apropriada ao carácter abstracto destas obras e ao seu fundamento de composição da “forma pela forma”, o escultor desenvolve, ainda, um ritmo insinuante do orgânico da natureza que se presentifica no conjunto destas obras. Será, talvez, nesta

duplicidade dinâmica que convoca, ambigualmente, abstração e a elementaridade inspirada na natureza, que surge a sensação de algo que acalenta: a partir da sensualidade da matéria e se desenlaça ao cheio e do vazio das formas, ou, como refere Peter Zumthor, se faz vibrar no espaço como tensão interior, lembrando a importância sensual das matérias na criação da escultura de Joseph Beuys, e da relação de Zumthor com o primordial sentido do uso sensível das matérias na arquitectura (Zumthor:2005, p.18).

Esta natureza sensível está presente em todas as obras de Aníbal Ferreira que delineiam consecuições entre uma simetria intuitiva e operativa, uma geometria arquitetural e o desenrolar de direcções para o biomórfico-minimal, ou é condição para descobrimos, nesta exposição, como o háptico concretiza a mágica

transfiguração do pétreo bruto, processando o afloramento de sensações múltiplas que aludem, na repetição não tautológica, a simplicidade do Minimal (Arte Minimal,1960-actual).

A perícia e o amor com que Aníbal Ferreira talha do magma de mármore ou de granito revela-se, assim, na relação entre abstracto-formal e o sentido modular em que crescem movimentos sensíveis dados pelo torsão da direcção linha, do câmbio de planos de transição para o corpo rombo e o curvilíneo. Desta maneira, a abstração comungada em todas as obras, quanto a nós, abre o paradoxo sobre como a configuração do carácter abstracto refere a hesitação de tomar como condição exógena ou endógena a singularidade da sua escultura, num contínuo dado pela variação dinâmica entre o cheio e o vazio das formas.

O velho sentido, e vernacular, que damos à expressão “a alma da arte” é imperecível e encontra na obra deste escultor a técnica exímia, sem que tal se afirme como exibição de virtuosismo. Ou, em cada uma destas obras, há um silêncio que nos lembra a afiliação genial do autor ao mister da natureza e ao que sobra de um discurso artístico-passional, em sentido lato e, peculiarmente ao sentir interativo do deambular da sua atmosfera cálido-sensual em que o cariz pétreo se transmuta.

Dito de outro modo, este conjunto escultórico faz-se sentir nessa qualia que acalenta e esboroa a sensação mais fria - aquela outra que poderia consignar a abstracção a uma certa frieza - é feita de sombras e de luz-cor, de rebatimentos e torsões do espaço interno ao externo e vice-versa, do esboroamento do brilho na opacidade, da deriva do paralelepípedo no

oblongo, do que aflora e se esconde numa aura singular que não se enquadra em clichés formalistas nem simbólicos.

2.1 Variações e desvios dos módulos binários ao orgânico, ao biomorfismo-natural e ao vital

O trabalho escultórico que aqui se apresenta permite-nos entender que o processo de criação de Aníbal Ferreira desenvolve variações de semelhança, como as apresentadas no conjunto das figuras 1, 2, 4 e 5, que exemplificam, mais enfaticamente, o paradoxo entre o carácter abstracionista e o minimal-natural. Nestas obras, a alusão a uma simetria e ao binómio modelar esférico-oblongo são estruturais na criação dos corpos de pequena dimensão, ainda que interrompido pelo facetamento plano.

Cada uma destas obras parece desenvolver o movimento de abrir-rebater dois elementos desde uma magma oblonga, em dois módulos que se mantêm unidos ao centro por um sulco em sombra. As esculturas nas pedras de cor branca, de cor negra e rosa, de onde são extraídas estas obras, dão-nos uma vasta gama de tonalidades de sombra e de luz, numa proximidade a formas elementares indefinidas, mas que encontram inspiração na natureza, no biomorfismo minimal. Por outro lado, a obra apresentada na figura 10 é excepção desta percepção que temos da importância estrutural como a linha flexa, curva, pois, nesta a modelação binómica de dois corpos cria uma dinâmica entre o esférico, o anelar e o elíptico. De modo contrário, as obras apresentadas nas figuras 3, 7, 8 e 12 presentificam uma relação forte com módulos paralelepípedicos, numa

variação que cria distorções na nossa percepção do facetamento dos planos volumétricos, porque derivam de uma simetria intuicionista aparentemente substante, com vários pontos de flexão que originam múltiplos tropos curvilíneos. Talhados de uma magma única, os três módulos estruturais, (dois verticais, encimados pela união de um módulo horizontal) abrem o vazio, configuram uma alusão ao arquétipo modular do portal, primitivo-monumental e a princípios modernistas arquiteturais – mas também à sua desconstrução que advém de uma percepção sensível no espectador acerca da sustentabilidade e do seu equilíbrio e da sobreposição da potência que advém da aceção do próximo e do distante. Por um lado, a dimensão das obras reitera a distância como uma proximidade do espectador ao objecto, por

outro a paisagem ou o local que é ainda também possibilidade que compactua com uma imersão sensível e figural.

O sentido plástico que oferece transições entre a estabilidade e a dinâmica das peças é, deste modo, afirmação do cariz escultórico e da intensidade de sensações ambíguas que afirmam o poético e o que não se enquadra numa geometria útil-objectual. Deste modo, estas obras obrigam-nos a uma destituição da sensação comum de nivelamento do olhar à linha de chão e invetivam um sentir de outra ordem e enigmaticamente ritmado - talvez próximo à ubiquidade que se intensifica, inerente ao háptico, em direcções multiplicadas e sobrepostas. Portanto, do mesmo modo que nestas obras o háptico se intensifica, a sensação de passagem configura-se como passagem-devir: aquém e além dessa

arquetipologia simbólica que nos enraíza enquanto humanos ao pórtico, ao templo ou na sua variação copulativa do princípio minimal de abrigo-sepultura-monumento.

2.2 S / Título ou as obras 12 e 9

Seguir a linha estrutural de cada uma destas obras é um modo de entender o que o artista refere como sendo a sua ideia de representação da vitalidade e do dinamismo do espaço interno e externo da sua criação (sic. Aníbal Ferreira). Podemos dizer que alguém que desenhe perspectivas, ou, mesmo, apenas uma perspectiva de cada uma destas peças, senti-lo-á advertida e inadvertidamente. Consentimos que a procura de uma imagem metafórica se confronta com a criação da forma pela forma, mas a modulação, a percepção da rotação e a sua repetição combinam, na expressão singular,

variações sobre uma modulação binária, que de tão exímia consecução abre o diferente. Em sentido lato, é natural e humano abrir a questão de um campo simbólico nessa dinâmica, pois o processo de composição da obra de arte não se consigna a um território, mas a atravessar territórios (Deleuze; Guattari: 2007, pp. 646-647).

Compreender e ordenar é apenas uma parte do processo poético, que na verdade, é recriado por sinestesias e toma o seu devir inesperado, o todo poético no seu inefável discurso afectivo que se ausculta silenciosamente na Forma final. Como refere Deleuze e Guattari: «Abstrato não se opõe diretamente a figurativo: o figurativo nunca pertence como tal a uma vontade de arte; de tal modo que não se pode opor em arte uma linha figurativa a uma que não o seja» (Deleuze: 2007, p. 632).

O carácter das obras 9 e 12 é exemplar desta tensão que se constitui entre campos de sistema operáticos, em que os desvios se presentificam como sensações do diferente, do que é percepto e afecto, bloco sensações (Deleuze; Guattari:1991, p. 158) em *devir*² (Deleuze Guattari: 2007, pp. 347).

Falamos de sentir e de como este cresce ao que é intuição: sensação de vaguear por um caminho espacial que insinua a deriva que o sujeito vai entretecendo em redor destas duas obras (embora em catálogo tenhamos captado

² «É que devir não é imitar alguma coisa ou alguém. Não é identificar-se. Também não é proporcionar relações formais. Nenhuma destas duas figuras de analogia convém ao devir, nem a imitação de um sujeito, nem a proporcionalidade de uma forma. Devir, é a, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair particulares, entre as quais se instaura relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão, as mais próximas do que se está a devir, e pelas quais se devém. É neste sentido que o devir é o processo do desejo.»

uma das múltiplas perspectivas que se podem tomar das peças 9 e 12) em mármore branco e mármore rosa. Os dois esteios tortos que se afunilam e se unem num tropo cimeiro (a cota mais alta das peças) destas esculturas, premeiam a sensação de inquietude, o desvio a uma percepção visual de equilíbrio, ao mesmo tempo que compreendemos que toda a magma máterica se mantém em equilíbrio real sobre uma superfície plana.

Todas as obras assentam sobre uma base horizontal, ligeiramente mais larga que a peça em que a forma é centrada, à excepção da peça 9 o que enfatiza a percepção de centro-simetria e a de padrão criado por dois módulos semelhantes, intrínseca à expressão de ritmo visual e à combinação da extraordinária subtilidade com que o escultor traduz esse binómio-padrão, numa sensação modular que

não nasce da acoplação de troços, mas é talhada de um bloco único de matéria. É por isto, ainda, que a outra sensação que premeia a experiência sensorial destas obras é a de desdobramento da magma – um movimento em direcção ao rasgar, (quiçá menos explícito e que se imagina melhor em função de uma matéria mais ductilmente modelável como o barro, por exemplo) mas que cessa, nessa configuração e delicadeza com que o escultor detalha a unidade modular e reitera a imagem de padrão. A linha que o nosso olhar segue é ainda uma linha táctil que se distribui num espaço aberto segundo frequências e ao longo do percurso e dos seus hiatos: passa entre os pontos, as figuras e os contornos para o devir de contidos gestos, como se tivéssemos que a seguir lenta e minuciosamente com as pontas dos dedos, ao mesmo tempo que não deixamos de

perspectivar a unidade formal que organiza essa vitalidade recreativa de passagens entre o interno e o externo, o distante e o próximo. Em suma, intensificando a sobreposição de direcções que multiplicam e perturbam na escolha-fixação de um foco.



Fig. 9 - Aníbal Ferreira,
S / Título, 2025.
Mármore Branco,
42 x 15 x 15 cm

Digamos que, por um lado, que a escultura

ênfatiza a criação de diferentes pontos de vista para alocar uma linha nómada (Deleuze; Guattari:2007: 641-43) numa estrutura que tem uma base triangular/piramidal que, simultaneamente se desorganiza ou desvanece enquanto sobrelineareidade (Deleuze; Guattari 2007: 632-33) inerente ao estrato geométrico-arquitectónico. A torsão da linha que enquadra a geometria intuicionista implícita na escultura, (a figura 9 sem base paralelepípedica) é firmada pela fresta-sombra que, em qualquer modo de perspectiva, inclina, torce para o lado direito, num desvio à verticalidade ou ao ponto central da peça e conforma uma extensa gama de cor, face ao confronto com o potencial homogéneo e endógeno da natureza cromática da matéria-prima. Mais uma vez, podemos considerar como há, nesta obra, uma convocação do espectador ao sinestésico, que na dimensão pequena

agrega a proximidade da mão que tacteia e, ainda um potencial imaginativo que permite recriar, na distância, relações com o seu alocar na paisagem e envolvente imagética, tal como referimos em relação às obras apresentadas pelas figuras 3, 6, 7, 8 e 11. Mas nesta obra a diferença está no modo de especular acerca dessa condição relacional que emerge da redução minimal que enforma o binómio volumétrico e como neste, o claro-escuro constrói, em torno da docilidade, a plasticidade sensual da matéria, varia a sombra e a luz como co-efeito desconstrutivo, quer da homogeneidade da cor quer da relação a arquê de edificação clássica-primitiva.

Na realidade, esta obra é exemplar da diferença que abre o estatuto de corpo interactivo da obra de arte, do modo como esta se afirma pelo fazer-se sentir enquanto fluxo duradouro,

peculiar e arditamente construtivo da intensidade de sensações que afectam o espectador: é na lentidão que o olhar inquieto, acerca do confronto entre o real equilíbrio e sustentabilidade da obra e a sua percepção poética de desequilíbrio háptico, vagueia como corpo de afecto em direcção ao vazio de um construto vital e endógeno da composição escultórica. Mais precisamente, assumindo o desvio da linha de natureza orgânica gregobizantina-óptica, para o deambular da linha nómada-vital³ (Deleuze; Guattari 2007: p. 635) e do que se afirma como sensação de inquietude do expectador que é direccionado por uma multiplicidade de focos.

Vila Viçosa, 11 de fevereiro 2025

³ Segundo Worringer o abstracto começa apenas como o avatar «gótico». É esta linha nómada de que ele diz: ela é mecânica, mas de acção livre e giratória, é inorgânica, mas, no entanto, viva, e tanto mais viva quanto inorgânica.

Referências:

Chafes, Rui (2000). *Durante o fim*, Assírio & Alvim.

Deleuze, Gilles, Guattari, Félix (2007). *Mil Planaltos. Capitalismo e esquizofrenia 2*, trad. de Rafael Monteiro. Lisboa: Assírio & Alvim.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix (1991). *Qu'est-ce que La Philosophie?* Paris, Minuit.

Yourcenar, Margrite (1985). *O Tempo esse Escultor*. Lisboa: Difel.

Reidelsheimer, Thomas (1991). *Rivers And Tides. Andy Goldsworthy: Working With Time*. Documentário, 91 min. Alemanha Canadá: Annedor V. Donop.

Zumthor, Peter (2005). *Pensar a arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili.

OBRAS EXPOSTAS



Fig. 1 - Aníbal Ferreira,
S / Título, 2025.
Mármore Branco,
12 x 11 x 11 cm.



Fig. 2 - Aníbal Ferreira,
S / Título, 2024.
Mármore Rosa,
13 x 13 x 13 cm.



Fig. 3 - Aníbal Ferreira,
S / Título, 2023.
Granito Redondo,
33 x 22 x 16 cm.



Fig. 4 - Aníbal Ferreira,
S / Título, 2022.
Mármore Marquina,
21 x 17 x 13 cm.



Fig. 5 - Aníbal Ferreira,
S / Título, 2022.
Mármore Branco - Carrara,
22 x 15 x 15 cm.



Fig. 6 - Aníbal Ferreira,
S / Título, 2025.
Mármore Ruivina,
30 x 15 x 15 cm.

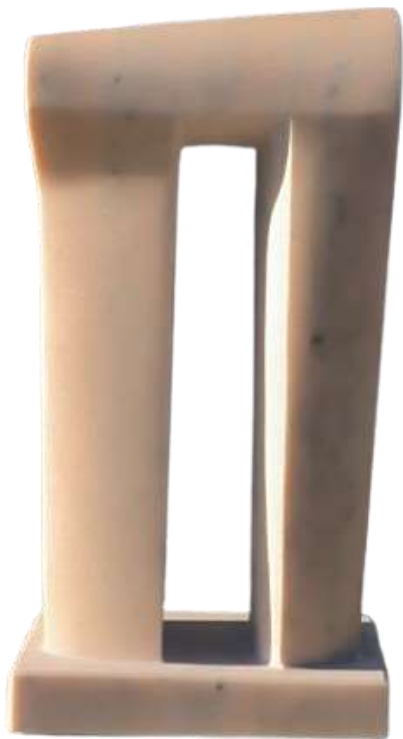


Fig. 7 - Aníbal Ferreira,
S / Título, 2025.
Mármore Rosa,
39 x 20 x 15 cm.



Fig. 8 - Aníbal Ferreira,
S / Título, 2025.
Mármore Pele de Tigre,
40 x 27 x 15 cm.



Fig. 9 - Aníbal Ferreira,
S / Título, 2025.
Mármore Branco,
42 x 15 x 15 cm.



Fig. 10 - Aníbal Ferreira,
S / Título, 2016.
Granito Verde Candeias,
40 x 33 x 15 cm.



Fig. 11 - Aníbal Ferreira,
S / Título, 2025.
Mármore Pele de Tigre,
50 x 17 x 15 cm.

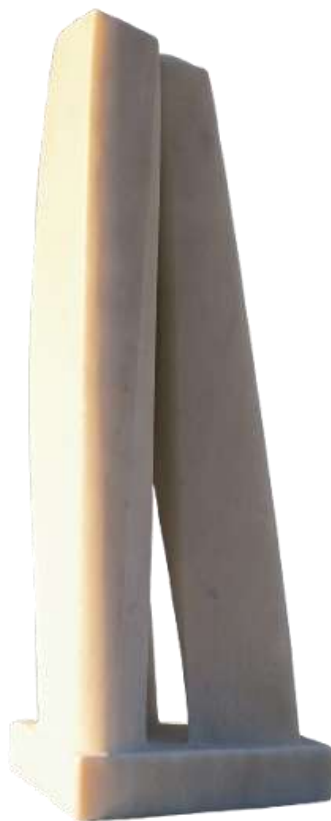


Fig. 12 - Aníbal Ferreira,
S / Título, 2023.
Mármore Rosa,
48 x 17 x 15 cm.

Curriculum Vitae do Artista (abreviado)

Aníbal Ferreira nasceu em 1964, em Sernancelhe, distrito de Viseu. Aos dezoito anos de idade já este artista, autodidacta, tinha assumido a escultura como a arte que melhor expressava a sua criatividade. Aníbal Fernandes orientou o seu percurso de formação e de produção plástica em contactos com os meios artísticos internacionais e no trânsito por vários países europeus, privilegiando as longas estadias na Suíça e na Itália. O seu percurso artístico cimentou-se na participação em Simpósios Internacionais e Bienais de Arte, e num trabalho produtivo constante que lhe garantiu a construção de peças que expôs em várias galerias de países como a Alemanha, os Países Baixos e a Noruega, para além dos já referidos, Itália e Suíça.

Este primeiro ciclo de formação e de produção artística de qualidade, ao longo de mais de vinte

anos, garantiu-lhe a obtenção de alguns prémios internacionais em concurso, e deu-lhe a possibilidade de colaborar com importantes escultores, entre eles destacou-se André Raboud.

A partir de 2008, Aníbal Ferreira reduz acentuadamente o número de participações em encontros artísticos nacionais e internacionais e em exposições individuais e colectivas. Nos últimos anos, a viver em Vila Viçosa e em Carrara, foca-se no seu trabalho, na descoberta de soluções que abram novas perspectivas na sua escultura e que sintetizem exemplarmente as aprendizagens e experiências realizadas ao longo de mais de quarenta anos.

No Alentejo, Aníbal Ferreira investe no seu mundo interior e no diálogo com a natureza que o rodeia; enquanto em Carrara, para além do trabalho artístico, mantém e celebra contactos

com um meio artístico fervilhante, ao mesmo tempo que defende o seu nome e a sua obra, de modo a poder apresentar-se no mercado da arte com garantias de um rendimento que lhe permita viver da arte que abraçou.

Aníbal Ferreira, Escultor

Contactos:

Vila Nuova, nº 20 54043 – Carrara (MS), Itália

Telefone: 39 348 2 846 012

Monte Outeiro, 7250-069 Hortinhas, Terena, Portugal

Telefone: 351 965 716 408

Índice

Nota de Abertura	7
1. Uma escultura filha da natureza	9
2. Uma abstracção que acalenta	14
2.1 Variações e desvios dos módulos binários ao orgânico, ao biomorfismo-natural e ao vital	16
2.2 S / Título ou as obras 12 e 9	18
Obras Expostas	24
Curriculum Vitae do Artista (abreviado)	31

Organização



Parceiros



Apoio



Cofinanciada Por



Cofinanciada pela
União Europeia



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DA ARTE



rpac

Com o apoio financeiro do Município de Vila Viçosa